

A LIDERANÇA NEGRA NOS GRUPOS DE PESQUISA NO BRASIL: UM PANORAMA REGIONAL DE 2000 A 2023¹

Tulio Chiarini²

Larissa Pereira³

Carla Pereira Silva⁴

Vitor Marinho⁵

SINOPSE

O último Censo do Diretório dos Grupos de Pesquisa 2023 publicizou dados sobre sexo e cor/raça dos membros vinculados aos grupos de pesquisa para todos os censos, desde 2000. Tal divulgação proporciona uma compreensão mais ampla da diversidade entre os membros desses grupos e como essa diversidade tem evoluído ao longo do tempo. Este breve texto apresenta a participação negra (pretos e pardos) na liderança dos grupos de pesquisa, no período 2000-2023, com recorte regional. Os dados demonstram que, apesar do aumento na liderança negra em todas as regiões, esses percentuais são inferiores à representação na população brasileira.

Palavras-chave: grupos de pesquisa; liderança negra; líderes; negros; região.

1 INTRODUÇÃO

A atividade científica contemporânea migrou da lógica da pesquisa realizada por cientistas individuais para uma produção baseada em equipes (Wuchty, Jones e Uzzi, 2007). Assim, a pesquisa ocorre normalmente de forma coletiva, organizada em equipes, isto é, grupos de pesquisa. Esses grupos são composições de recursos humanos que incluem pesquisadores como professores, graduados, pós-graduados e estagiários em nível pós-doutoral, além de estudantes de iniciação científica ou tecnológica, de graduação e pós-graduação, e profissionais técnicos. Os grupos se organizam em torno de uma liderança científica, que estabelece a hierarquia e organiza o grupo. O líder se destaca por sua experiência e competência no campo científico e tecnológico.

No Brasil, os grupos de pesquisa em universidades, as instituições isoladas de ensino superior, os institutos de pesquisa e alguns centros de pesquisa e desenvolvimento de empresas estatais começaram a ser formalmente catalogados na década de 1990, por iniciativa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq (Chiarini *et al.*, 2022).

O sistema que organiza as informações sobre esses grupos é o Diretório dos Grupos de Pesquisa (DGP), vinculado à plataforma Lattes. Periodicamente, o CNPq divulga os resultados do censo dos grupos de pesquisa. O último censo, de 2023, não apenas apresentou os dados sobre sexo e cor/raça dos membros vinculados aos

1. DOI: <http://dx.doi.org/10.38116/radar76art3>

2. Analista em ciência e tecnologia no Centro de Pesquisa em Ciência, Tecnologia e Sociedade da Diretoria de Estudos e Políticas Setoriais, de Inovação, Regulação e Infraestrutura do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Diset/Ipea). *E-mail:* tulio.chiarini@ipea.gov.br.

3. Pesquisadora bolsista do Subprograma de Pesquisa para o Desenvolvimento Nacional (PNPD) no Centro de Pesquisa em Ciência, Tecnologia e Sociedade da Diset/Ipea. *E-mail:* larissa.pereira@ipea.gov.br.

4. Professora no Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (INFMG), *campus* Diamantina. *E-mail:* carllaps@gmail.com.

5. Pesquisador bolsista do PNPD na Diset/Ipea. *E-mail:* vitormarinho102@gmail.com.

grupos de pesquisa para o ano corrente, mas também disponibilizou essas variáveis para todos os censos anteriores, desde 2000. Essa abertura de dados possibilita uma compreensão mais ampla da diversidade entre os líderes desses grupos e de como essa diversidade tem evoluído ao longo do tempo.

Embora haja um conjunto crescente e importante de produções que utilizam os dados do DGP de anos anteriores (Chiarini *et al.*, 2022), os recortes baseados nas características individuais dos líderes dos grupos ainda são incipientes. Existem trabalhos com foco na participação feminina nos grupos de pesquisa (Albuquerque, 2020; Andrade, Macedo e Oliveira, 2014; Aquino, 2006; Carvalho, 2020; Souza e Ferreira, 2013; Dias *et al.*, 2019; Oliveira, 2017; Oliveira, Mello e Rigolin, 2020; Quintão, Barreto e Menezes, 2021; Santiago, Affonso e Dias, 2020; Santos, 2016), porém são estudos em áreas específicas do conhecimento e não têm como unidade de análise o líder do grupo. Em relação a trabalhos com recorte de cor/raça, não foram identificados estudos que utilizem os dados do DGP.

O objetivo deste breve texto é apresentar resultados preliminares de um estudo em andamento sobre a participação de negros na liderança dos grupos de pesquisa no Brasil, considerando como negros os indivíduos que se autodeclararam pretos ou pardos, no período 2000-2023, com recorte regional.

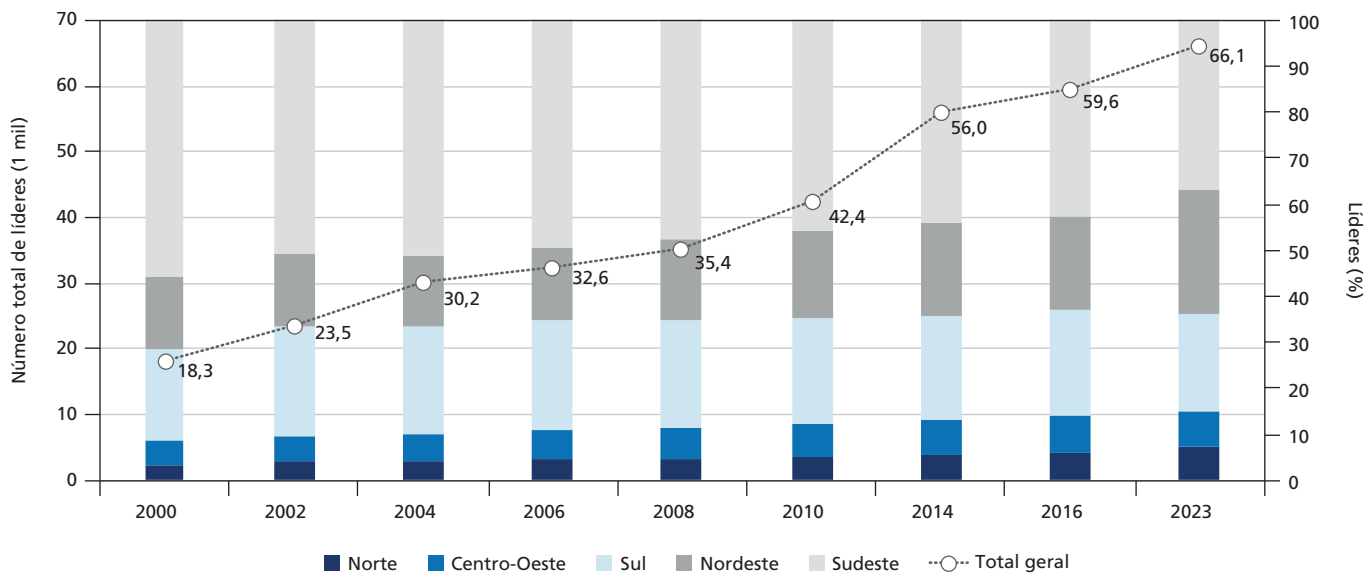
2 A LIDERANÇA NEGRA NOS GRUPOS DE PESQUISA NO BRASIL REGIONAL

Considerando a distribuição não homogênea dos grupos de pesquisa nas diferentes regiões brasileiras, é essencial analisar primeiramente a distribuição dos líderes em todo o território nacional, antes de examinar os dados sobre a liderança negra por região (gráfico 1).

Os dados indicam que, ao longo do tempo, o Sudeste tem sido a região com o maior número de líderes, embora esse percentual em relação ao total tenha diminuído. Em contrapartida, os líderes dos grupos no Nordeste e no Norte, em termos absolutos e relativos, têm crescido; no entanto, a região Norte segue sendo aquela com o menor número de líderes.

GRÁFICO 1

Distribuição do número de líderes¹ por região (2000-2023)



Fonte: DGP/CNPq. Disponível em: <https://lattes.cnpq.br/web/dgp>.

Elaboração dos autores.

Nota: ¹ Independentemente de cor e sexo.

Analisando os dados da distribuição de líderes por sexo e cor/raça na região Centro-Oeste no período 2000-2023 (gráfico 2), observam-se algumas tendências. Ao longo desses anos, a proporção de homens brancos entre os líderes permaneceu relativamente estável, variando de 35,1% em 2000 para 31,2% em 2023. Todavia, a proporção de mulheres brancas aumentou ligeiramente, passando de 24,1% para 31,9% no mesmo período. No que diz respeito aos líderes negros, tanto homens quanto mulheres, houve um aumento em suas representações ao longo do período analisado. Em 2000, os homens negros representavam 6,0% do total de pesquisadores na região, enquanto as mulheres negras representavam 4,2%. No entanto, em 2023, essas proporções aumentaram, com os homens negros passando para 13,7%, e as mulheres negras, para 10,5%.

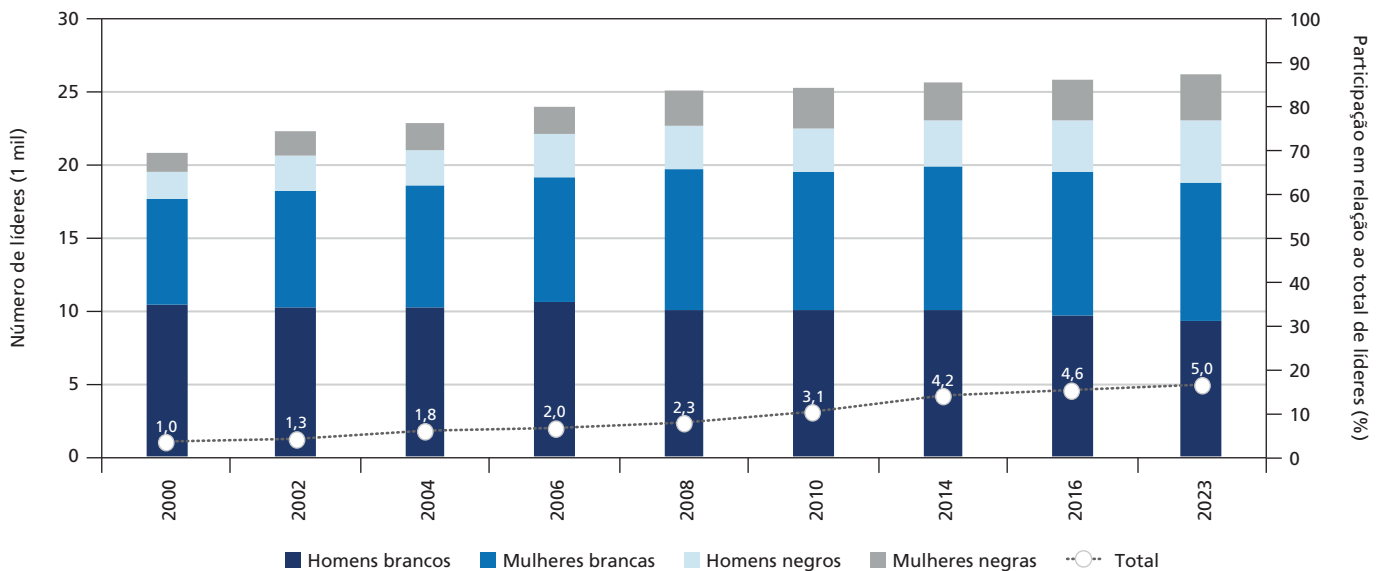
Em relação à região Nordeste, por sua vez, ao longo dos anos, a proporção de homens brancos entre os líderes dos grupos apresentou um decréscimo, variando de 27,8% em 2000 para 24,9% em 2023. Contudo, a proporção de mulheres brancas obteve um acréscimo, variando de 21,5% em 2000 para 24,0% em 2023. Em relação aos líderes negros, tanto homens quanto mulheres, houve um aumento em suas representações ao longo do período analisado. Em 2000, os homens negros representavam 12,9% do total de líderes na região, enquanto as mulheres negras representavam 9,4%. Entretanto, em 2023, essas proporções aumentaram, com os homens negros representando 19,6%, e as mulheres negras representando 18,1% do total de líderes na região.

Na região Norte, em relação aos líderes homens brancos, houve uma relativa queda na participação de 25,7% do total de líderes na região em 2000 para 23,3% em 2023, enquanto as mulheres brancas tiveram um relativo aumento de 15,5% para 20,6%. Por sua vez, a representação da liderança negra na região, tanto homens quanto mulheres, apresentou um aumento ao longo do período analisado. Em 2000, os homens negros passaram de 21,3% do total de líderes na região para 24,9% em 2023, enquanto as mulheres negras passaram de 11,7% para 19,4%.

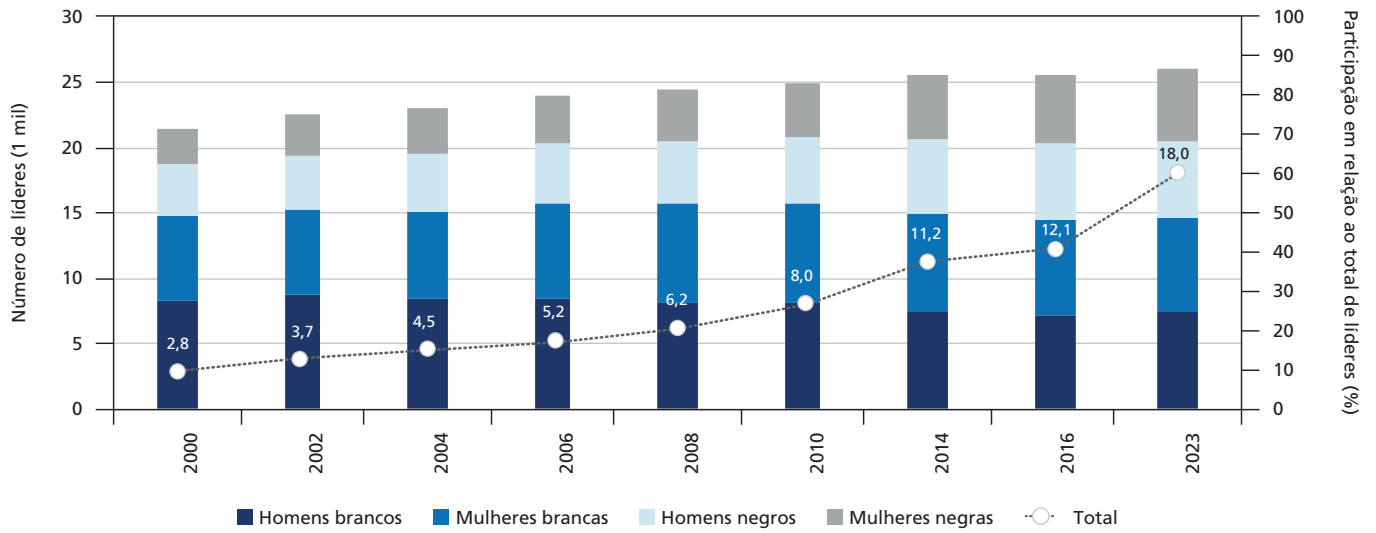
GRÁFICO 2

Líderes dos grupos de pesquisa, por sexo, cor/raça e região (2000-2023)

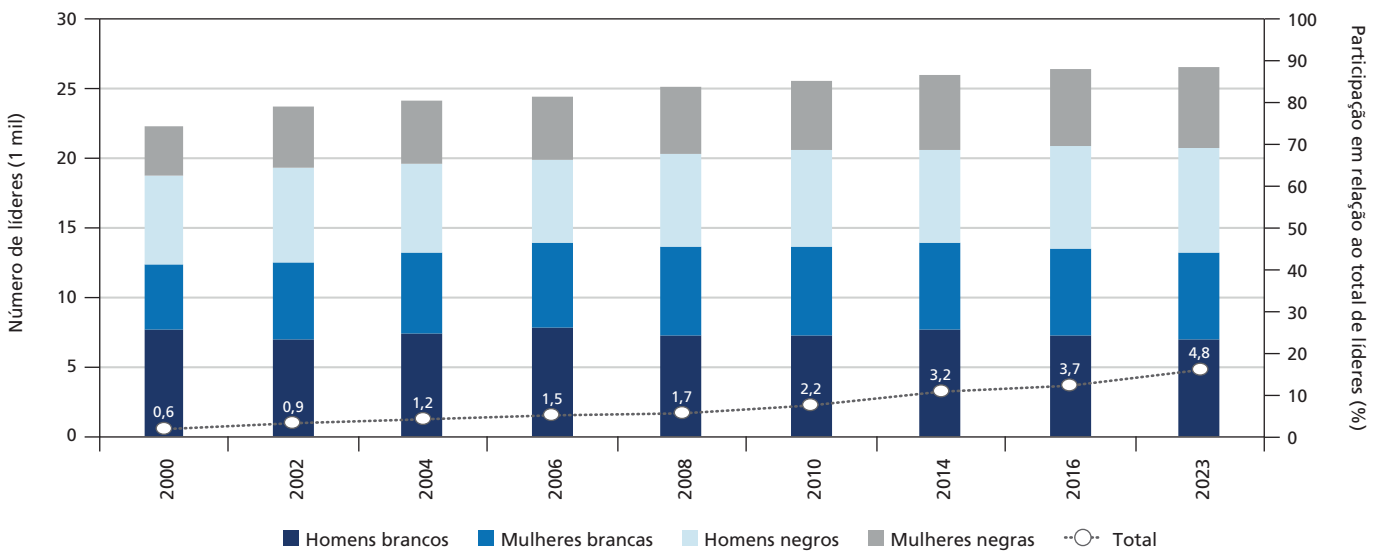
2A – Centro-Oeste



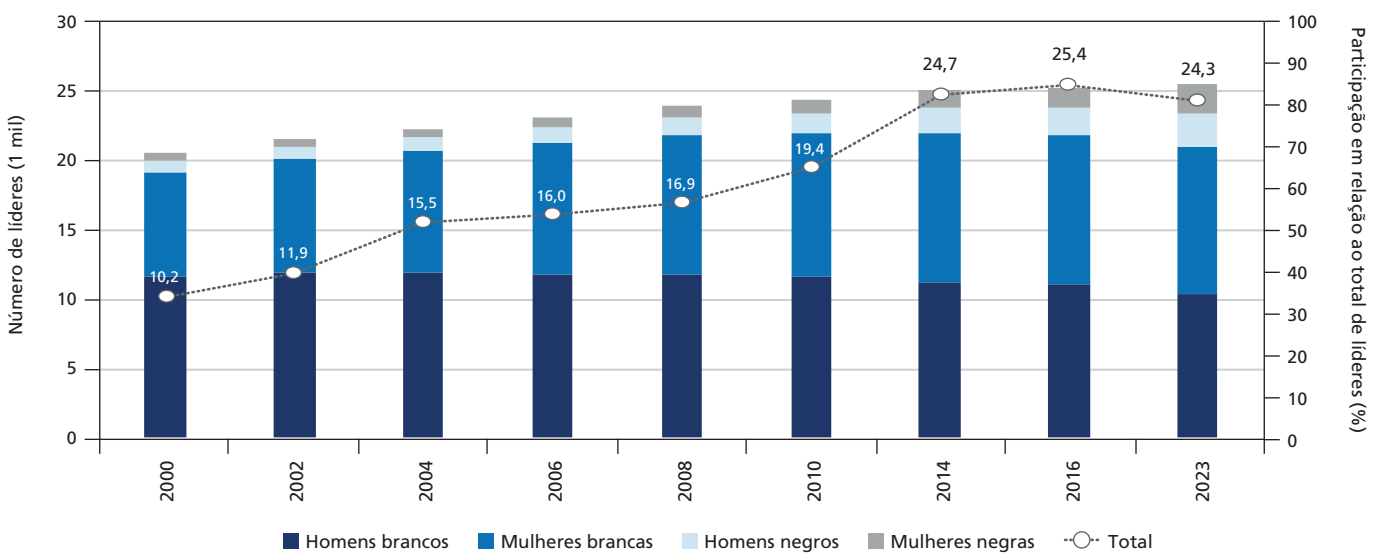
2B – Nordeste

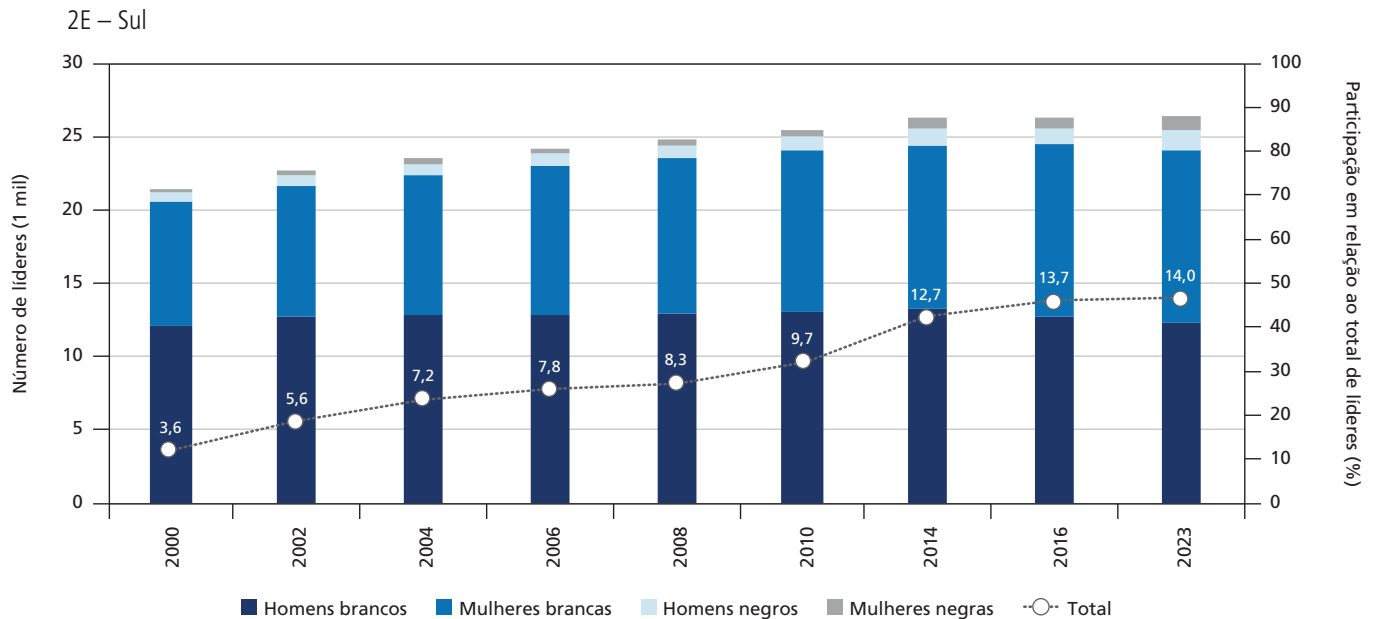


2C – Norte



2D – Sudeste





Fonte: DGP/CNPq. Disponível em: <https://lattes.cnpq.br/web/dgp>.

Elaboração dos autores.

Obs.: Os dados apresentados referem-se apenas aos indivíduos autodeclarados brancos e negros (pretos e pardos). Contudo, os percentuais apresentados são calculados sobre o total de líderes, que engloba também os indivíduos autodeclarados amarelos e indígenas e os que não desejaram declarar, não informaram ou deixaram a variável sem preenchimento. Sendo assim, considerando a existência de grupos não discriminados na análise, a soma dos percentuais observados não corresponderá a 100%. Os *missings* de cor/raça (soma dos indivíduos que não desejaram declarar, não informaram ou deixaram a variável sem preenchimento) para os líderes dos grupos foi de 28,2% em 2000, e esse valor caiu para 11,6% em 2023. Por fim, cumpre destacar que a informação sobre cor/raça é coletada por autodeclaração por meio do currículo Lattes. Dessa forma, qualquer alteração nos currículos é refletida no DGP e em todos os demais painéis do CNPq por meio de atualizações. Portanto, em futuros censos do DGP, os dados sobre cor/raça de anos anteriores podem sofrer alterações à medida que as pessoas mudem a forma como se identificam racialmente ou decidam declarar/informar tal característica.

Ao analisar os dados na região Sudeste, observa-se que há uma predominância da liderança de cor branca, tanto homens quanto mulheres, ao longo de todo o período. Em 2000, os homens brancos representavam 38,7% do total de líderes na região, enquanto as mulheres brancas representavam 25,2%. Em 2023, essas proporções foram alteradas, com os homens brancos representando 34,5%, e as mulheres brancas, 35,5%. Em contrapartida, a representação de líderes negros, tanto homens quanto mulheres, aumentou ao longo do tempo. Em 2000, os homens negros representavam 2,8% do total de líderes na região, enquanto as mulheres negras representavam 1,7%. Todavia, em 2023, essas proporções aumentaram, com os homens negros representando 8,1%, e as mulheres negras, 7,0%.

Finalmente, na região Sul, também se observa a predominância da liderança branca ao longo de todo o período. Em 2000, os homens brancos representavam 40,3% do total de líderes na região, enquanto as mulheres brancas, 28,4%. A proporção de homens brancos se manteve relativamente estável ao longo dos anos, com pequenas variações, e em 2023 representavam 41,1%. As mulheres brancas, por sua vez, passaram a representar 39,1% em 2023. A representação de pesquisadores negros na liderança dos grupos, tanto homens quanto mulheres, cresceu ao longo do período analisado, embora em uma escala menor, em comparação às mulheres brancas. Em 2000, os homens negros representavam 1,8% do total de líderes na região, enquanto as mulheres negras, 0,9%. Contudo, em 2023, essas proporções aumentaram para 4,7% e 3,2% respectivamente.

3 DISCUSSÃO

A decisão de analisar as características individuais dos líderes dos grupos de pesquisa considerando sexo e cor/raça é significativa, pois, de acordo com o CNPq,⁶

O pesquisador líder de grupo é o personagem que detém a liderança acadêmica e intelectual no seu ambiente de pesquisa. Normalmente, tem a responsabilidade de coordenação e planejamento dos trabalhos de pesquisa do grupo. Sua função aglutina os esforços dos demais pesquisadores e aponta horizontes e novas áreas de atuação dos trabalhos. Um grupo pode admitir até dois líderes, denominados 1º Líder e 2º Líder.

Ainda de acordo com o CNPq,⁷

O 1º líder e o 2º líder têm exatamente o mesmo “valor” no DGP. Essa diferenciação só aparece no “Formulário Grupo”, e serve para identificar o responsável pelo preenchimento das informações, que é o 1º líder (até porque, grande parte dos grupos tem apenas um líder). O sistema não permite que ambos os líderes acessem o mesmo formulário para evitar problemas com o acesso simultâneo e contradições de informações.

Portanto, a figura do líder desempenha um papel essencial no contexto do grupo de pesquisa, sendo fundamental para a organização e o registro adequado de suas informações. Além do poder simbólico de reconhecimento e prestígio (Merton, 1968), o líder detém o poder de definir as áreas de atuação do grupo, sendo responsável por registrar novas linhas de pesquisa, convidar novos integrantes, incluindo colaboradores estrangeiros, gerenciar as interações com outras instituições para a realização dos projetos de pesquisa, cadastrar a propriedade de equipamentos, instrumentos e *softwares* relevantes, informar participações em redes de pesquisa e as repercussões do trabalho do grupo, entre outras atribuições que influenciam diretamente o funcionamento e a dinâmica do grupo de pesquisa (Latour e Woolgar, 1986).

Ao possuir a autoridade de incluir e excluir membros, o líder tem o poder de criar grupos de pesquisa mais ou menos diversos e tem a capacidade de influenciar a agenda científica e tecnológica, direcionando pesquisas para áreas que considera prioritárias (Latour e Woolgar, 1986).

Todos os conhecimentos – empíricos, intuitivos, populares – têm marcas finais das comunidades que os produzem. Logo, todo pensamento humano parte de vidas socialmente determinadas (Harding, 1993). Desse modo, é possível concluir que, assim como nas sociedades em geral existem agentes sociais dominantes e dominados, na produção de conhecimento científico e tecnológico também há hierarquizações.

Implicados nas produções do conhecimento, existem marcadores de sexo, gênero, raça/cor e classe social do pesquisador implícitos nos critérios de neutralidade, objetividade e universalidade da desejada racionalidade científica (Oliveira, 2018). Assim, para que se construam conhecimentos abrangentes e confiáveis, é imprescindível a existência de diversidade entre os líderes dos grupos de pesquisa. De acordo com Harding (2015), a diversidade desejada não é a da mera presença física, embora valorizá-la seja um primeiro passo. Em vez disso, o que se deseja é o tipo de diversidade que respeite os valores e interesses de todos os cidadãos, protegendo os grupos mais vulneráveis econômica e politicamente.

Assim, embora a população negra brasileira represente 55,5% do total, conforme dados do Censo Demográfico 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE),⁸ a liderança de pesquisa por negros representa 22,6% do total de líderes em 2023. Além disso, ainda de acordo com dados do IBGE, apesar de as regiões Sudeste e Sul serem aquelas com menor percentual de negros – 49,3% e 26,7%, respectivamente –, o

6. Disponível em: https://lattes.cnpq.br/web/dgp/glossario?p_p_id=54_INSTANCE_QoMcDQ9EVoSc&_54_INSTANCE_QoMcDQ9EVoSc_struts_action=%2Fwiki_display%2Fview&_54_INSTANCE_QoMcDQ9EVoSc_nodeName=Main&_54_INSTANCE_QoMcDQ9EVoSc_title=L%C3%ADder+de+grupo+de+pesquisa.

7. Disponível em: https://lattes.cnpq.br/web/dgp/glossario?p_p_id=54_INSTANCE_QoMcDQ9EVoSc&_54_INSTANCE_QoMcDQ9EVoSc_struts_action=%2Fwiki_display%2Fview&_54_INSTANCE_QoMcDQ9EVoSc_nodeName=Main&_54_INSTANCE_QoMcDQ9EVoSc_title=L%C3%ADder+de+grupo+de+pesquisa.

8. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>.

percentual da liderança negra nos grupos de pesquisa é muito inferior (15,1% e 7,9%). Nas demais regiões, os negros são maioria entre a população: no Norte, 76,0%; no Nordeste, 72,6%; e no Centro-Oeste, 61,6%. Contudo, em termos de liderança de grupos de pesquisa, eles representam 44,3%, 37,7% e 24,2%. Do ponto de vista interseccional (Collins e Bilge, 2021), mulheres negras líderes de grupos de pesquisa são sub-representadas.

Ampliar a participação negra, sobretudo de mulheres negras, na liderança de grupos de pesquisa é importante não apenas para aumentar as oportunidades inovativas, mas também para construir virtudes de justiça entre aqueles que pesquisam e inovam.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, J. P. de. **Segurança alimentar e nutricional no Brasil**: reflexões sobre o campo científico e características dos grupos de pesquisa. 2020. 186 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Limeira, 2020.
- ANDRADE, L. F. S.; MACEDO, A. dos S.; OLIVEIRA, M. de L. S. A produção científica em gênero no Brasil: um panorama dos grupos de pesquisa de administração. **RAM: Revista de Administração Mackenzie**, v. 15, n. 6, p. 48-75, dez. 2014.
- AQUINO, E. M. L. Gênero e saúde: perfil e tendências da produção científica no Brasil. **Revista de Saúde Pública**, v. 40, p. 121-132, ago. 2006.
- CARVALHO, C. C. B. de. **Gênero e pesquisa médica**: um estudo das bolsistas de produtividade e dos grupos de pesquisa do Brasil. 2020. 167 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020.
- CHIARINI, T. *et al.* **Diretório dos grupos de pesquisa do CNPq**: trajetória e contribuições acadêmicas. Brasília: Ipea, 2022. (Texto para Discussão, n. 2801).
- COLLINS, P. H.; BILGE, S. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.
- DIAS, A. *et al.* Network centrality analysis in management and accounting sciences. **RAUSP Management Journal**, v. 55, n. 2, p. 207-226, 9 dez. 2019.
- HARDING, S. Rethinking standpoint epistemology: what is “strong objectivity”. *In*: ALCOFF, L.; POTTER, E. (Org.). **Feminist epistemologies**. Nova York: Routledge, 1993. p. 49-82.
- HARDING, S. **Objectivity & diversity**: another logic of scientific research. Chicago: The University of Chicago Press, 2015.
- LATOUR, B.; WOOLGAR, S. **Laboratory life**: the construction of scientific facts. Princeton: Princeton University Press, 1986.
- MERTON, R. The matthew effect in science: the reward and communication systems of science are considered. **Science**, v. 159, n. 3810, p. 56-63, 1968.
- OLIVEIRA, J. R. de. **A participação feminina nos grupos de pesquisa sobre tecnologia da informação no Brasil**. 2017. 106 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017.
- OLIVEIRA, J. R. de; MELLO, L. C.; RIGOLIN, C. C. D. Participação feminina na pesquisa sobre tecnologia da informação no Brasil: grupos de pesquisa e produção científica de teses e dissertações. **Cadernos Pagu**, v. 58, p. 1-51, 2020.
- OLIVEIRA, M. da G. de. Os sons do silêncio: interpelações feministas decoloniais à História da historiografia. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, v. 11, n. 28, 8 dez. 2018.
- QUINTÃO, C. C. A.; BARRETO, L. S. da C.; MENEZES, L. M. de. A reflection on the role of women in science, dentistry and Brazilian orthodontics. **Dental Press Journal of Orthodontics**, v. 26, n. 2, p. 1-44, 2021.
- SANTIAGO, M. de O.; AFFONSO, F.; DIAS, T. M. R. Scientific production of women in Brazil. **TransInformação**, v. 32, p. 1-11, 2020.
- SANTOS, E. R. **Produção do conhecimento dos líderes de grupos de pesquisa que estudam educação e/ou ética em enfermagem**. 2016. 82 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Enfermagem, Univesidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

SOUZA, C. G. de; FERREIRA, M. L. A. Researchers profile, co-authorship pattern and knowledge organization in information science in Brazil. **Scientometrics**, v. 95, n. 2, p. 673-687, 30 maio 2013.

WUCHTY, S.; JONES, B. F.; UZZI, B. The increasing dominance of teams in production of knowledge. **Science**, v. 316, n. 5827, p. 1036-1039, 2007.